

Os afrodescendentes de ontem e de hoje que revelam sua cosmovisão pela oralidade muito mais do que pela escrita e pela sua vida, contribuem significativamente com o que hoje chamamos de ecologia holística.

O africano veio para a América escravizado, despojado de tudo. As condições de desigualdade jurídica entre os escravos e os senhores dos escravos se expressam na posse da terra. O senhor e proprietário era tudo, tinha a terra, as minas, os rios, a água. Aos escravos negros fugidos, o regime os considerava rebeldes que viviam de maneira selvagem em regiões inóspitas. Por outro lado, pertencia aos colonizadores o mundo “civilizado”, negros e índios eram animais.

No entanto, os descendentes conseguiram resistir e manter as características básicas de seu modo de viver, sentir e pensar, crenças e deuses, como se relacionar com a natureza e o mundo. Os escravizados nos enriqueceram com o profundo conceito de dignidade e liberdade ao fugir como quilombolas para as selvas, nas quais fundaram povoados livres chamados *palenques*. Ali o governo era compartilhado, a propriedade era coletiva e sua relação com a natureza obedecia às crenças e energias ancestrais que lhes permitiam viver como pessoas livres.

O problema da posse e distribuição da terra se agravou com a independência *dependente* e as consequências se pagam até os dias de hoje em diversos países. Se há políticas públicas que geram riquezas para as companhias estrangeiras, como as minerações e outras, as comunidades tradicionais negras permanecem mais pobres e com territórios devastados pelas máquinas e rios contaminados pelo mercúrio e produtos químicos. O papa Francisco disse aos indígenas do México: “Entre os pobres mais abandonados e maltratados está nossa oprimida e devastada terra, que geme e sofre as dores de parto”.

João Paulo II, retomando palavras de Paulo VI em Kampala, reconheceu os ricos valores espirituais

dos povos africanos ao solicitar: “Dai-nos os dons da negritude”, fundamentais para uma visão ecológica integral de respeito à terra como dom de Deus para todo o grupo familiar, para a comunidade, para o povo. O papa Francisco anima a “nos valermos das riquezas culturais dos povos, a arte e a poesia, para a vida interior e a espiritualidade” (LS 63). As culturas tradicionais influenciam o pensamento e o sentir latino-americanos que estão na base de alguns documentos de bispos do Continente e até mesmo do papa Francisco. Como sugere Leonardo Boff, consideramos a Ecologia Integral, ambiental, social e mental como vivida pelas comunidades tradicionais afroamericanas:

“O afroamericano se considera cuidador e parte do ambiente que o envolve: selvas, rios e mares nas costas atlânticas e pacíficas, montanhas e planaltos das cordilheiras no Equador, Peru e Bolívia. No entanto, os afroamericanos e os indígenas ainda são considerados os últimos”.

A prática de origem africana demonstra os laços estreitos que há entre alguns grupos afro e a terra. Segundo o antropólogo Jaime Arocha, desenvolve-se em dois momentos: “Quando alguém nasce, a mãe enterra a placenta e o cordão umbilical debaixo da semente de alguma árvore escolhida e cultivada por ela. Antes do rito, os pais escolhem um animal, planta ou mineral, cujas qualidades passarão para o filho ou filha; essas qualidades serão incorporadas à medida que se espalha o respectivo pó sobre a cicatriz umbilical. Por isso, é normal que ao ver alguém as pessoas tentem inferir como essa pessoa foi ombligada” (www.banrepcultural.org/blaavirtual/an-tropologia/omblig/18.htm).

Não nos esqueçamos de que a maioria da população afroamericana migrou dos subúrbios das grandes cidades do Continente. Os principais motivos foram a violência das forças ilegais, a invasão de colonos, os megaprojetos governamentais e a invasão das multinacionais. Na cidade, os afros estão localizados em regiões periféricas, muitas vezes

rotulados como “bairros de negros”, e alguma forma de relação social com a territorialidade é estabelecida. As organizações de bairro afro mantêm relações culturais, religiosas, de trabalho, educação, etc., e contribuem com uma nova vitalidade por meio de seu estilo de vida, música e especialidades culinárias e artísticas: “O afroamericano não necessita de um lugar especial para encontrar-se com Deus porque Deus é tudo, e tudo se move graças a Ele. De modo que os vários momentos da vida, como trabalho, esporte, família, reuniões e música estão impregnados dessa energia vital, do espírito de Deus, que anima todas as coisas” (*Pastoral Afro*, Quito).

* A filosofia das comunidades tradicionais negras, em relação ao social, está em sintonia com a Ecologia Integral. O papa Francisco afirma: “Toda postura ecológica deve incorporar uma perspectiva social que leve em conta os direitos fundamentais das pessoas mais desfavorecidas”.

A terra não é só de um, é da comunidade, em consonância com a máxima africana “eu sou porque somos”, que permitiu e permite uma sobrevivência coletiva em comunhão. O Conselho Comunitário Maior da Associação Camponesa Integral de Atrato (Colômbia) ressalta: “As comunidades negras definem seu território como parte fundamental da vida; por isso, o temos defendido e conservado, a tal ponto que nos é dada a categoria de autoridade”.

* Quanto à **ecologia mental**, alguns especialistas falam de *ansiedade por inferioridade*. Mesmo que tenham passado séculos, muitos afroamericanos manifestam ansiedade em seu desempenho em distintas áreas por causa do preconceito de inferioridade que existe sobre e contra eles, o que deu origem a estereótipos que distorcem o imaginário coletivo.

Os afroamericanos consideram a ecologia em um sentido holístico do qual brota a urgência de organizar-se para abrir caminho e ser protagonistas em uma sociedade globalizada e hostil.

* Uma expressão do povo é o **movimento negro** latino-americano, que luta para que os governos, sobretudo os que se definem em suas constituições como multiétnicos e pluriculturais, respeitem os territórios ancestrais e os saberes tradicionais quanto a suas formas de transmitir cultura, cultivar, pescar,

caçar e trabalhar na mineração. Não se trata de idealizar as comunidades tradicionais afro, senão de fazer o possível para fortalecer sua atuação política e sua autonomia na tomada de decisões frente aos processos que lhes afetam e nos afetam a todos. Uma preocupação especial merece os processos conduzidos por mulheres afrodescendentes, pois em alguns países não se conta com um enfoque étnico e diferencial. Todos unidos frente aos “inimigos” da vida e do *bem viver* das pequenas comunidades.

Os **sábios afros** perguntam com Benildo de Tumaco, Colômbia: *Por que vendem o que é de todos?* No pensamento afro não cabe essa forma de atuar, e por isso os conselhos comunitários das comunidades negras, como guardiões do território, opõem-se aos governos que olham apenas para os acordos com o capital estrangeiro. Ao ambiente ferido corresponde uma humanidade ferida que corrompe e destrói a natureza. Os territórios afros e indígenas são os mais ambicionados porque foram mais bem conservados, e por isso ainda mantêm as maiores reservas florestais, o pulmão da humanidade.

Na **cultura** do povo afro as expressões artísticas e religiosas relacionadas à ecologia holística revelam ao ocidente outra maneira de viver o cotidiano, aceitar a vida (os *chigualos*) e a morte (os *alabados*) e aos santos padroeiros com as *canções de ninar*, a *música do vento e da corda*.

As coisas mudam porque os novos atores afros e indígenas e as mulheres – que preservam territórios pela diferente visão de mundo, da prática de uma ecologia holística – promovem outro mundo possível, no qual, da *força vital*, emanam o ar, a terra, o fogo, as plantas, os animais e mesmo o ser humano. Motivados a viver em equilíbrio saudável e com um desenvolvimento sustentável graças a uma contemplação agradecida da natureza povoada de *orixás*, os afrodescendentes se entregam ao trabalho, ao canto, à alegria, à solidariedade, ao amor e à paz. Contribuem com seu *rico patrimônio espiritual*, a recuperação dos valores do ser humano – mesmo que mais tarde o reconheçamos – e são parte integrante da revolução cultural, humana e ecológica promovida pelo papa Francisco, que permitirá que a Mãe Terra e a Humanidade vivam.